



O ENFRENTAMENTO CRIATIVO DA ADVERSIDADE: ANÁLISE DE PERSONAGENS DE FILMES

Lisete Barlach

University of São Paulo, Brazil

Resumo

Dentre inúmeras possibilidades, resiliência pode ser definida como construção de soluções criativas diante das adversidades, resposta criativa diante da crise, ou ainda, aplicação do pensamento lateral na geração de soluções inovadoras diante de situações traumáticas ou adversas (Barlach, 2005). Assim, o desenvolvimento da criatividade pode ser entendido como instrumento preventivo frente às adversidades ou como fonte de potencialidades diversas atualizadas para seu enfrentamento. Considerando que pessoas “mais frequentemente expostos à arte, literatura, filmes e a relacionamentos do tipo *mentoring*¹, terão ampliado seu potencial de resiliência” (Assimakopoulos, 2001) e que a produção cinematográfica expõe, por intermédio de personagens ou histórias, soluções criativas diante de condições adversas, buscou-se, no presente estudo, analisar imagens cinematográficas que pudessem exprimir o conceito de resiliência em sua interface com a criatividade. Para tanto, sete filmes de grande impacto popular foram escolhidos. Subjacente à metodologia qualitativa adotada, encontra-se a hipótese de que a produção cultural pode contribuir para a construção do imaginário coletivo permeado pela resiliência, se contraposta à vitimização e para o processo de aprendizagem da produção de recursos adaptativos diante da adversidade. Corroborar-se a tese de Piaget (1985) de que os personagens dos filmes analisados superaram os pseudo-necessários que se apresentaram como reais, visualizando os possíveis, seja com relação à situação enfrentada, seja na elaboração de soluções criativas para seu enfrentamento.

Palavras-chave: resiliência, criatividade, adversidade, imaginário, filmes

Abstract

Amongst many possibilities, resilience can be defined as the construction of creative solutions ahead of the adversities, creative solution for crisis, or, in other words, applying lateral thought for the generation of innovative solutions when facing traumatic or adverse situations (Barlach, 2005). Thus, the development of creativity can be understood as a preventive tool to deal with adversities or as a source of potentialities for confronting them. Considering that people “more frequently exposed to art, literature, films or mentoring of relationships, will have their potential of resilience enhanced” (Assimakopoulos, 2001) and that cinematographic production displays, either by characters or by narratives, creative solutions for adverse conditions, the present study aimed to analyze cinematographic images that could express the concept of resilience and its interface with creativity. For this purpose, seven films of great and popular impact had been chosen. Underlying the adopted qualitative methodology, remains the hypothesis that cultural production can contribute for the construction of collective resilient imaginary, if opposed to victimization, and also for learning about adaptive resources when facing adversity, as well. The thesis of Piaget (1985) is corroborated: characters of the analyzed films had surpassed the

¹ *Mentoring*, neste contexto, pode ser traduzido como relação com um mentor.

Corresponding Author:

Address correspondence should be addressed to Lisete Barlach lisbar@usp.br

Barlach

pseudo-necessary that were presented as real, visualizing the possibilities, either those related to the situation, or those creative solutions elaborated at the confrontation moment.

Word-key: resilience, creativity, adversity, imaginary, films



DEFYING ADVERSITY CREATIVELY: ANALYSIS OF FILM CHARACTERS

Resiliência, cultura e subjetividade

Para Assimakopoulos (2001), resiliência refere-se a um conjunto de características que possibilitam aos indivíduos não só a recuperação posterior ao (s) evento (s) traumático (s), mas o seu efetivo crescimento a partir dele (s), bem como o incremento de sua habilidade para responder a dificuldades futuras. Em sua pesquisa, a autora descobriu que crianças e adultos mais frequentemente expostos à arte, literatura, filmes e a relacionamentos do tipo *mentoring*², terão ampliado seu potencial de resiliência.

Ao analisar a relação entre o indivíduo e seu meio cultural, Assimakopoulos concluiu que “quando a cultura não consegue ser fonte de explicações para seus sofrimentos, os indivíduos sentem-se à deriva e ocorrem rupturas na vida social e cultural” (2001, p. 9). Assim, do ponto de vista sócio-cultural, há vários desafios na construção da subjetividade resiliente representados por novas – e numerosas – formas de adversidade, e, também pelo seu enfrentamento – individual ou coletivo.

Gallende (2004) confirma e acrescenta às palavras de Assimakopoulos que, na relação indivíduo – sociedade / cultura, devem ser consideradas, simultaneamente, a produção da subjetividade pela cultura e o indivíduo como produtor de cultura. Para ele, o sujeito não possui, previamente, a capacidade para enfrentar a adversidade [...] Diante de uma circunstância adversa, ele [o indivíduo] cria soluções novas, revelando não ser “tabula rasa” de sua história (Gallende, 2004). Sua argumentação decorre das considerações sobre as mudanças profundas que têm ocorrido na construção da subjetividade humana e na análise das novas possibilidades dessa construção por meio das instituições sociais emergentes, como a TV, o cinema e a diversidade de recursos da informática.

Subjetividade é definida por Gallende como sistema de representações, dispositivo para produção de significados e sentidos para vida, valores éticos e morais e, neste contexto, é “criativa, autônoma, ativa e disposta à inovação e à mudança de tal modo que pode ser considerada como resiliência” (2004).

O simbólico, a produção cultural e a Resiliência

Paul Ricoeur (1969, in: Wunenburger, 2007, p. 22) entende que “o acesso estético às obras é uma ocasião de reinterpretação do sentido, que permite a cada sujeito reconstruir sua própria existência em torno de dimensões simbólicas” e que “essa atividade de re-descrição da realidade torna possível uma poética da ação social que se exprime, em particular, na utopia enquanto projeção no âmbito dos possíveis”³.

Dado que “o imaginário não satisfaz [...] somente as necessidades da sensibilidade e do pensamento, realizando-se igualmente em ações, [...], ao dotar o agente de dinamismo, força e entusiasmo para realizar seu conteúdo” (Wunenburger, 2007, p. 62), e que “essa motivação das instâncias e normas da vida social é particularmente assegurada pelos mitos” (Wunenburger, 2007, p. 63), é possível compreender o papel da arte cinematográfica na proposição de uma subjetividade resiliente.

Segundo este autor, é possível afirmar que o imaginário permite um afastamento do imediato, real e percebido, em direção à imaginação de um mundo diferente. Há um poder de adesão dos sujeitos com relação a novos possíveis. “O imaginário serve para dotar [os indivíduos] de memória, fornecendo-lhes relatos que sintetizam e reconstróem o passado e justificam o presente (Wunenburger, 2007, p. 63)”, podendo “provocar efeitos sobre a sensibilidade, agir sobre o humor, fazer nascer sentimentos de tristeza ou de alegria (Wunenburger, 2007, p. 67)”.

De acordo com Bachelard (1980, in: Pitta, 2005, p. 44), “as imagens formam a instância imediata e universal do psiquismo [...] sendo a imaginação a capacidade de deformar as imagens fornecidas pela percepção [...] tornando o psiquismo [...] fundamentalmente ativo e criador”.

Deve-se considerar que o processo de formação das imagens é similar, quer se trate de um indivíduo, quer se trate de uma cultura (Pitta, 2005). A autora entende, a partir dos trabalhos de Margaret Mead (1901-1978), que “uma cultura pode perceber o universo como cheio de divisões e oposições, e outra talvez o perceba como unido e harmonioso; [...], uma valorizará a individualidade, o arquétipo do

² *Mentoring*, neste contexto, pode ser traduzido como relação com um mentor.

³ As relações entre possíveis e necessários e suas relações com a criatividade foram estabelecidos por Piaget (1985) e serão retomadas adiante.

herói, o exercício do poder e a ação, ao passo que a outra valorizará a comunidade, o plural, o arquétipo da mãe, o aconchego e o ato de proteger.

Se Bachelard buscou compreender o imaginário a partir da literatura, entendendo que o escritor, o poeta, o ensaísta, têm o dom de captar as imagens naturais de maneira mais eficaz que os etnógrafos ou folcloristas, pode-se supor que o poder na imagem cinematográfica seja deveras mais eficiente, em face da importância que assumiu a imagem visual na contemporaneidade.

Essa é uma das justificativas para a escolha das imagens cinematográficas no estudo da resiliência no imaginário moderno, permeado de tensões e pressões que tendem a levar a rupturas e desequilíbrios individuais e coletivos (Barlach, 2005).

Criatividade: ferramenta para o enfrentamento das adversidades

Para Piaget (2001), a criatividade está associada à abstração reflexiva. Teórico da inteligência, o autor destaca que esta não é uma cópia da realidade, uma vez que não está representada nos objetos: é uma construção do sujeito que enriquece os objetos externos. Em seu estudo sobre o possível e o necessário, sugere também que “o possível cognitivo é, essencialmente, invenção e criação” (Piaget, 1985, p. 8).

Nessa análise dos possíveis e necessários com relação ao real, diz ainda que “para interpretar a gênese dos possíveis, é preciso assinalar o papel das limitações das quais o sujeito deve libertar-se, que se prendem a uma indiferenciação inicial entre o real, o possível e o necessário. Todo objeto ou matéria de esquema presentativo aparece inicialmente ao sujeito, não apenas como sendo o que é, mas ainda como devendo necessariamente assim ser, o que exclui a possibilidade de variações ou mudanças. Essas “pseudonecessidades” ou “pseudoimpossibilidades” não são [...] particulares das crianças, pois as encontramos em todas as etapas da história das ciências”. Disso resulta que, para atingir novos possíveis, não é suficiente imaginar processos que visem a um objetivo qualquer (com otimização ou redução a uma busca de variações), pois resta compensar essa forma efetiva ou virtual de perturbação que é a resistência do real quando concebido como “pseudonecessário” (Piaget, 1985, p. 10, grifos nossos).

Ao construir a realidade, dado que não existe uma realidade em si, o sujeito psicológico, superando as pseudonecessidades e pseudoimpossibilidades, é sempre e necessariamente, criativo. A contribuição de Piaget para a discussão da relação entre cultura e subjetividade resiliente, objeto do presente estudo, é ímpar, dado que a cultura tende a se apresentar como necessária, ou seja, qualquer produto cultural, como os filmes que foram analisados, pode estabelecer relações entre adversidade, sofrimento e vitimização ou abrir possibilidades de enfrentamento criativo e resiliência. No primeiro caso, o sujeito poderá – ou não – ser capaz de superar as pseudonecessidades integradas a um dado produto cultural.

A partir do enfoque psico-social, pode-se afirmar que a criatividade é um conceito antônimo às estereotipias e aos conformismos. Segundo Sassenberg & Moskowitz (2005), “ser criativo implica a tentativa de evitar as rotas convencionais de pensar e, portanto, evitar a ativação de associações típicas” (p. 507). Entendendo a estereotipia como uma forma de repetição na qual os elementos essenciais são reproduzidos independentemente do entorno, deduz-se daí um estreitamento de possibilidades incompatível com a criatividade. É pela contraposição ou pela transcendência com relação àquilo que é convencional, estereotipado, repetido ou rígido que se evidencia a criatividade. Em outras palavras, a criação será sempre confrontada com o sistema gerativo subjacente àquele domínio, definidor de uma gama de possibilidades.

Barlach (2009) define criatividade como a elaboração de novas gestalts frente à natureza ou sociedade. Qualquer nova Gestalt implicará a superação das associações típicas e convencionais e a superação das estereotipias. A partir desse referencial, pode-se afirmar que criar é mais que resolver problemas: é também elaborar novos significados, o que condiz com estudos sobre a resiliência, que afirmam que esta pode ser entendida como resposta criativa diante da crise, ou reconfiguração interna, pelo sujeito, de sua própria percepção e de sua atitude diante da vivência da condição da adversidade ou trauma, gerando crescimento pessoal, constituindo-se numa reação que transcende os limites de um mero processo de adaptação (Barlach, 2005).

A união do conceito de adaptação criativa com o de resiliência enfatiza o fato de que a adaptação requer tal reconfiguração interna, sendo consistente com autores como Baxter (1982), para quem adversidade não é ameaça; é desafio. Ou seja, o ser humano que administra sua própria subjetividade diante das crises se renova como pessoa, reafirmando-se como sujeito de sua história e de sua adaptação. Deve-se acrescentar que “existe uma liberdade inerente a todo ato criador autêntico, que não é determinada por elementos externos ao ser humano”. A afirmação, extraída do relato do psiquiatra Victor Frankl (1997), que descreve e reflete sobre a sua vida nos campos de concentração nazista, deve ser



complementada por outra, que diz que “[...] permaneceria sempre aberta a possibilidade de [uma pessoa] se retirar daquele ambiente terrível para se refugiar num domínio de liberdade espiritual e riqueza interior.” Para ele, “a vida humana tem sentido sempre e em todas as circunstâncias (FRANKL, 1997, p.80).”

Do ponto de vista do estudo da resiliência e de sua relação com a criatividade, é fundamental a descrição de Frankl a respeito do ponto de inflexão, a partir do qual o próprio autor deixa a condição de vítima da situação e se envolve num projeto pessoal – e interno – de superação de sua condição, passando a escrever as notas daquilo que se tornaria, posteriormente, o livro com o relato histórico de sua vida nos campos de concentração, bem como das aulas que daria na Universidade, apresentando a teoria que ele intitula Logoterapia, ou seja, a Terapia do Sentido da Vida.

O escrever, real ou imaginário – em função das dificuldades óbvias de conseguir papel naquele contexto - é, segundo ele, o recurso que se utiliza daí para frente – até a sua libertação do campo de concentração, ao final da Segunda Grande Guerra – para sobreviver psicologicamente aos horrores que permeavam seu cotidiano.

Resiliência e criatividade: interfaces

A resiliência é a reconfiguração interna, pelo sujeito, de sua própria percepção e de sua atitude diante da vivência da condição da adversidade ou trauma, constituindo esta, a partir de então, fator de crescimento ou desenvolvimento pessoal. A resiliência é uma condição interna (não observável, a não ser em seus efeitos) constatada numa demanda de adaptação do indivíduo frente a uma situação excepcionalmente adversa, ou mesmo traumática, caracterizada por alto potencial destrutivo ou desintegrador das estruturas e recursos pessoais da qual resulta o fortalecimento dessas estruturas, o crescimento pessoal, a confirmação de sua identidade, o desenvolvimento de novos recursos pessoais, constituindo-se numa reação que transcende os limites de um mero processo de adaptação (Barlach, 2005).

As imagens do sofrimento de Victor Frankl, em sua vivência nos campos de extermínio nazista, deixam entrever que a resiliência não se refere a um risco qualquer, mas às condições adversas que colocam em questão a sobrevivência ou destruição da integridade física ou psíquica do indivíduo, demandando a recriação de sua base estrutural de existência, seja esta denominada personalidade, identidade ou Self. A complexidade da adaptação e o salto de qualidade nela envolvido permitem diferenciar a resiliência de outros processos adaptativos convencionais.

Para efeitos de pesquisa, a resiliência será, então, definida como a construção de soluções criativas diante das adversidades presentes na sociedade atual da qual resulta um duplo efeito: a resposta ao problema em questão e a renovação das competências e do élan vital dos indivíduos. A resiliência envolve não somente o controle sobre a situação, mas um determinado reforço para que o indivíduo siga lutando por novos resultados pessoais e pelos perseguidos por seu grupo de trabalho. Nessa construção o indivíduo revela sua força ontológica manifestada numa excepcional capacidade de aplicação da causalidade pessoal (Barlach, 2005).

Metodologia de pesquisa

A análise de filmes foi escolhida como metodologia para a compreensão da relação criatividade - resiliência, em função do grande impacto do cinema sobre a construção da subjetividade humana, especialmente no imaginário social – coletivo, podendo este favorecer ou não o desenvolvimento da resiliência. Em outras palavras, um filme é um tipo de elaboração criativa que pode ser veículo para a promoção da subjetividade resiliente, a partir da abordagem de personagens que enfrentam a adversidade e suas histórias. Nos filmes escolhidos e analisados a seguir, as histórias dos personagens revelam diferentes aspectos do enfrentamento das adversidades, pela criação de soluções novas e a consequente construção da resiliência. Nessas obras, a ênfase é colocada na solução criativa diante da adversidade e não na vitimização dos personagens. Tanto os autores dos filmes quanto os personagens das histórias contribuem para a construção da cultura e da subjetividade resilientes.

A seguir, sete filmes são submetidos ao mesmo parâmetro de análise: a resiliência do personagem corresponde à construção de uma solução criativa diante da adversidade?

Resultados

Filme 1: Frida

Sinopse. De sua relação complexa e duradoura com seu mentor e marido, Diego Rivera, passando por seu controverso e caso ilícito com Leon Trotsky e seus provocantes envolvimento românticos com outras mulheres, Frida Kahlo levou uma vida intensa e sem limites, como uma

revolucionária política, artística e sexual. O filme retrata a história da vida que Frida compartilhou abertamente e sem medos com Diego Rivera, período em que o controverso casal subverteu o mundo artístico.

Análise. Frida, filme que reconstrói a biografia da pintora Frida Kahlo (1907-1954), apresenta o enfrentamento das adversidades advindas de sua limitação para andar, em consequência da poliomielite e de um acidente que sofreu, deixando-a imobilizada no leito por alguns anos, com a quase totalidade do corpo engessado, à exceção das mãos e dos pés. Nesse período de imobilidade, recebeu de presente de seus pais material para pintura, substituindo aquele que ela espontaneamente utilizou no gesso que encobria seu corpo, encontrando progressivamente um meio de expressar sua dor e os sentimentos produzidos por essa situação, cujo enfrentamento lhe propiciou reações positivas, em que a resiliência é claramente manifestada. Neste caso, a criatividade artística aparece como fator de proteção e de reconfiguração de sua vida psíquica, em prol do desenvolvimento da resiliência.

Filme 2: *À procura da felicidade*

Sinopse. Em *À Procura da Felicidade*, Chris Gardner é um homem que luta para sobreviver. Abandonado pela esposa, Chris, agora um pai solteiro, continua a perseguir desesperadamente um emprego, melhor remunerado. Ele ingressa como estagiário numa grande corretora de ações na esperança de um futuro promissor. Chris e seu filho são despejados de seu apartamento e forçados a dormir em abrigos, estações de ônibus, banheiros e onde quer que possam achar refúgio durante a noite. Apesar dos problemas, Chris continua a ser um pai amoroso e afetuoso, usando a confiança que seu filho depositou nele para superar os obstáculos que encontra.

Análise. Nos EUA, a palavra “loser⁴” tem uma conotação extremamente pejorativa. Ser um fracassado, na cultura americana, é sinônimo de estar condenado à segregação social. O personagem Chris Gardner, vivido por Will Smith, investe toda a sua energia vital na transformação desta “sentença de morte psíquica” em abertura de caminhos de realização pessoal, material e profissional. O amor pelo seu filho o abastece de forças para o enfrentamento de inúmeras desventuras e alimenta, de forma comovedora, seu sonho de ultrapassar as barreiras da pobreza, do infortúnio e da anulação social. O personagem desenvolve inúmeras soluções criativas para o enfrentamento de sua condição de pobreza, desemprego, desabrigo, que promovem sua resiliência. Este filme demonstra a importância da relação com um ideal, da presença da esperança e sentido de vida, de ter um sonho (futuro, porvir) ou o abraçar uma utopia pessoal na construção da resiliência.

Filme 3: *O escafandro e a borboleta*

Sinopse. Jean-Dominique Bauby, 43 anos, é editor da revista *Elle*, e um apaixonado pela vida, que, subitamente, tem um derrame cerebral. Vinte dias depois, ele acorda. Ainda está lúcido, mas sofre de uma rara paralisia: o único movimento que lhe resta no corpo é o do olho esquerdo. No início, Bauby se recusa a aceitar seu destino. Depois, aprende a se comunicar piscando letras do alfabeto, e forma palavras, frases e até parágrafos. O filme é baseado no livro de Jean-Dominique Bauby, resultado deste esforço para sobreviver do ponto de vista psíquico.

Análise. Completamente paralisado, tendo em seu olho esquerdo o único movimento que lhe resta no corpo, o personagem consegue ditar e “escrever” um livro usando apenas o piscar desse olho como veículo de sua interioridade. Nessa história é possível confirmar as palavras de Assimakopoulos (2001), quando esta define resiliência como um conjunto de características que possibilita aos indivíduos não só a recuperação posterior ao evento traumático, mas o seu efetivo crescimento a partir dele. Embora não sendo a personagem principal, uma das enfermeiras que cuida de Dominique deve ser destacada como crucial para o desenvolvimento da resiliência: é ela que tem a criativa idéia de estabelecer um pacto com Dominique no qual sua nova forma de comunicação é criada. No início do tratamento, foi difícil para Dominique aceitar que um piscar de olhos, associado ao soletrar do alfabeto, pudesse criar palavras e frases, mas, ao acatar esta solução, o personagem consegue a expressão de sua interioridade, escrevendo e publicando um livro antes de falecer, deixando registrada sua experiência de enfrentamento e contribuindo, assim, para a construção da resiliência.

Filme 4: *Ray*

Sinopse. Ray Charles nasceu em Albany em 1932, uma cidade pequena e pobre do Estado da Georgia. Teve uma infância pobre, sem pai, ao lado da mãe e do irmão pequeno e ficou cego aos sete

⁴ *Loser* pode ser traduzido para o português como perdedor ou fracassado.



anos, logo após testemunhar a morte acidental desse irmão mais novo. Sua mãe insiste em que ele deve criar seu próprio caminho no mundo, sem se render à cegueira. Esta cegueira jamais limitou sua sensibilidade. Na música, foi pioneiro ao mesclar gospel, country e jazz, gerando um estilo inimitável. Ao revolucionar o modo como as pessoas apreciavam música, ele simultaneamente lutava contra a segregação racial. Mas sua vida foi afetada ao se tornar viciado em heroína.

Análise. Ray Charles enfrenta o preconceito de cor e as limitações decorrentes da cegueira quase de forma simultânea. Na infância, encontra em sua mãe seu ponto de apoio inicial para este enfrentamento, confirmando que uma relação significativa tipo *mentoring* é muitas vezes decisiva para o desenvolvimento da resiliência. Entre a postura de vítima e a atitude resiliente, Ray adotou a última, transcendendo o sofrimento pela criação artística. A cada situação adversa, Ray se reconstruiu como pessoa e como artista, até o momento em que as drogas o destruíram. Nesta história, cabe lembrar o sentido original do termo resiliência. Sabe-se que da Física provém a noção de que resiliência é sinônimo de elasticidade de um material após sofrer uma pressão que poderia levar à sua deformação. A elasticidade – emocional e cognitiva – tem limites, a partir dos quais o ser humano pode perder sua capacidade adaptativa. Ray, não mais diferenciando situações positivas e negativas, deixa de reconhecer sua vida como um projeto que confirma sua autodeterminação. À mercê da heroína, perde a capacidade de resiliência que vinha desenvolvendo até então.

Filme 5: Caçador de pipas

Sinopse. Baseado em famoso *best seller*, o filme conta a história de dois garotos, Amir e Hassan, amigos inseparáveis na infância até que um evento político os separa. Depois da ascensão do grupo talibã ao poder, Amir deixa o país, ao passo que Hassan permanece e é morto. Anos depois, Amir vai adentrar numa perigosa missão para corrigir os erros do passado e reencontrar o filho de Hassan, demonstrando sua devoção ao amigo.

Análise. Quando criança, o personagem Amir teve que assistir passivamente ao estupro do amigo, com quem compartilhava os melhores momentos de sua vida. Impotente para reagir naquela época, revela-se um guerreiro na tentativa de salvar o filho desse amigo morto quando ele está em mãos do grupo talibã. Enfrenta tudo para resgatar o garoto e levá-lo para viver com ele e a esposa fora do país. Ao presenciar tantas injustiças, o personagem Amir reúne forças para o resgate do menino. No caminho, usa um disfarce (barba longa, símbolo dos talibãs) e, no momento crucial do filme, em que corre risco de ser assassinado, conta com um estilingue que era a marca registrada do amigo e que é disparado contra o talibã pelo menino em sua defesa, também um recurso criativo no enfrentamento do perigo. A pipa é o símbolo de sua inocente amizade pelo amigo que sofreu e morreu nas mãos do novo grupo no poder e é esta que o coloca em contato com o filho de seu amigo, estabelecendo a ponte entre o passado e o presente.

A história retratada neste filme mostra o desenvolvimento da resiliência diante das adversidades decorrentes de governos autoritários e situações de terror advindas destes, confirmando a hipótese de Assimakopoulos (2001), ao analisar a relação entre o indivíduo e seu meio cultural, que afirma que “quando a cultura não consegue ser fonte de explicações para seus sofrimentos, os indivíduos sentem-se à deriva e ocorrem rupturas na vida social e cultural” (2001, p. 9).

Filme 6: As aventuras de Pi

Sinopse. A história de um menino indiano chamado Pi (Suraj Sharma/ Irrfan Khan), filho de um tratador de zoológico, que se encontra na companhia de uma hiena, uma zebra, um orangotango e um tigre de bengala, depois de um naufrágio que os deixa à deriva no Oceano Pacífico.

Análise. Neste filme, é possível observar a importância da religiosidade como promotora da resiliência do personagem principal, uma vez que o garoto, antes de ser lançado ao mar com o tigre, vive na infância inúmeras experiências de busca religiosa e espiritual, propondo-se, ainda que ingenuamente, a unificar em si mesmo, três grandes religiões da atualidade, a saber, o hinduísmo, o cristianismo e o islamismo. Como adulto, ao relatar sua história àquele que, no filme, apresenta-se como escritor, acrescenta, jocosamente, que após os eventos vividos no mar, “dá aulas de Cabala na Universidade”, ou seja, afirmando, a posteriori, a relevância da questão religiosa como base de seu posicionamento no mundo.

Filme 7: Argo

Sinopse. Em 1979, durante crise política iraniana, Tony Mendez (Ben Affleck), especialista em disfarces, é recrutado pela CIA para resgatar seis norte-americanos, refugiados na casa do embaixador

canadense em Teerã. Para a missão, Mendez e um maquiador de Hollywood criam um falso filme para tentar tirá-los do país.

Análise. Esse é o filme que mais se aproxima do conceito de resiliência como desenvolvimento de soluções criativas diante da adversidade. O personagem que representa o agente da CIA, ao apresentar uma solução “inesperada” para o problema, expõe a questão da criatividade como a linha de menor probabilidade e, conseqüentemente, os obstáculos contidos em sua avaliação. O contexto de uma organização como a CIA, com regras, estratégias e táticas conservadoras, é confrontado pela ideia criativa apresentada pelo mencionado personagem, que tem que enfrentar a desconfiança e a suspeita por parte daqueles que devem tomar a decisão de aprová-la ou não, autorizando a implementação do plano daí decorrente.

Conclusões

Todos os filmes aqui analisados são obras artísticas de grande impacto sobre a subjetividade coletiva, contribuindo para a construção da resiliência. Se **Ray**, **Frida** e **Escafandro e a borboleta** abordam soluções criativas no sentido artístico, o filme **Caçador de pipas** remete ao enfrentamento de adversidades no campo político e **A procura da felicidade**, ao enfrentamento da pobreza, do desemprego e da falta de oportunidades de crescimento profissional. O denominador comum dessas cinco situações é a adversidade que parece insuperável pela falta dos recursos e convenções pressupostos em circunstâncias convencionais. O crescimento dos personagens é viabilizado pelo potencial criativo e pela tenacidade, autoconfiança e esperança. Nessas situações percebe-se de modo claro o poder emancipatório da subjetividade, na integração entre criatividade e tenacidade. Os dois filmes mais recentes, a saber, **As aventuras de Pi** e **Argo**, são emblemáticos quanto à elaboração de soluções criativas diante da adversidade, com o primeiro referindo-se ao enfrentamento individual e o segundo, coletivo.

Em vista disso, a resiliência aparece como uma capacidade complexa de adaptação do ser humano a situações de extrema demanda pela integração de diversas habilidades e identidade empreendedora. A maior dificuldade para a compreensão da resiliência, tal como manifestada nesses filmes e em situações reais, não é a percepção do sucesso, mas do como as diversas habilidades são criadas e integradas, constituindo uma “competência” de difícil descrição, uma vez que os filmes não revelam muito sobre as causas internas, apenas os efeitos e a diversidade que os motivou.

Considerando o entendimento de Piaget (1985) de que “para interpretar a gênese dos possíveis, é preciso assinalar o papel das limitações das quais o sujeito deve libertar-se, que se prendem a uma indiferenciação inicial entre o real, o possível e o necessário” (p. 10), os personagens dos filmes analisados são criativos, pois superaram os pseudo-necessários que se apresentaram como reais, visualizando os possíveis, seja com relação à situação enfrentada, seja na elaboração de soluções criativas para seu enfrentamento.

Neste estudo, foi possível confirmar que a criatividade é o elemento que possibilita a uma pessoa, grupo ou organização colocar-se para além da eficiência e mesmo da eficácia, uma vez que a resiliência não se refere a um risco qualquer, mas às condições adversas que colocam em questão a sobrevivência ou destruição da integridade física ou psíquica do indivíduo, demandando **a recriação de sua base estrutural de existência**. A complexidade da adaptação e o salto de qualidade nela envolvido permitem diferenciar a resiliência de outros processos adaptativos convencionais. Portanto, a resiliência é a reconfiguração interna, pelo sujeito, de sua própria percepção e de sua atitude diante da vivência da condição da adversidade ou trauma, constituindo esta, a partir de então, fator de crescimento ou desenvolvimento pessoal. Ela é uma condição interna (não observável, a não ser em seus efeitos) constatada numa demanda de adaptação do indivíduo frente a uma situação excepcionalmente adversa, ou mesmo traumática, caracterizada por alto potencial destrutivo ou desintegrador das estruturas e recursos pessoais da qual resulta o fortalecimento dessas estruturas, o crescimento pessoal, a confirmação de sua identidade, o desenvolvimento de novos recursos pessoais, constituindo-se numa reação que transcende os limites de um mero processo de adaptação (Barlach, 2005). A criatividade, como superação das pseudo-impossibilidades, visualização e atuação a partir de novos possíveis, afigura-se como parceira imprescindível para o desenvolvimento da resiliência. Do ponto de vista da subjetividade coletiva, é mister ressaltar que as obras cinematográficas, em si mesmo criativas, podem apontar caminhos para a construção do imaginário coletivo voltado à resiliência e não à vitimização.



Referências

- Assimakopoulos, Patricia-Anne (2001). The pivotal moment: a qualitative investigation into resilience. *Dissertation Abstracts International: Section B: The Sciences and Engineering*, 62(4-B):2043.
- Barlach, Lisete (2005). *O que é a resiliência humana: uma contribuição para a construção do conceito*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- Barlach, Lisete (2009). *A criatividade humana sob a ótica do empreendedorismo inovador*. Tese Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- Baxter, Brian (1982). The transcendence of alienation and estrangement in organizations: the quest for self-actualization. In Brian Baxter, *Alienation and authenticity* (p. 164 – 188). London: Tavistock Publication.
- Frankl, Victor (1997). *Em busca do sentido: um psicólogo no campo de concentração*. São Leopoldo / Petrópolis: Sinodal / Vozes.
- Gallende, Emiliano (2004). *Subjetividad y resiliencia: del azar y la complejidad*. In A. Melillo; E. Ojeda & D. Rodriguez (orgS.) (2004) *Resiliencia y subjetividade: los ciclos de la vida*. Buenos Aires: Paidós.
- Groteberg, E. (2005) Novas tendencias en resiliencia. In A. Melillo & E. Ojeda; (2005) *Resiliencia: descubriendo las propias fortalezas*. Buenos Aires: Paidós.
- Lubart, Todd (2007). *Psicologia da criatividade*. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- Melillo, Aldo; Ojeda, Elbio & Rodriguez, D. (orgs.) (2004). *Resiliencia y subjetividade: los ciclos de La vida*. Buenos Aires: Paidós.
- Piaget, Jean. *Possível e necessário*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- Pitta, Danielle P. R. (2005) *Iniciação á teoria do imaginário de Gilbert Durand*. RJ: Ed. Atlântica.
- Sassenberg, Kai & Moskowitz, Gordon. (2005). Don't stereotype, think differently! Overcoming automatic stereotype activation by mindset priming. *Journal of Experimental Social Psychology*, 41, 506-514.

Received: 10/04/2013
Accepted: 03/18/2015

Wunenburger, Jean-Jacques (2007) *O imaginário*. SP: Ed. Loyola.

1. Informações			Técnicas
Título	no	Brasil:	Frida
Título		Original:	Frida
País	de	Origem:	EUA
Site	Oficial:	http://www.miramax.com/frida/	
Direção:	Julie		Taymor

Elenco

Salma Hayek (Frida Kahlo); Alfred Molina (Diego Rivera)

2. Informações			Técnicas
Título	no	Brasil:	À Procura da Felicidade
Título		Original:	The Pursuit of Happyness
País	de	Origem:	EUA
Site	Oficial:	http://www.aprocuradafelicidade.com.br	
Direção:	Gabriele		Muccino

Elenco

Will Smith (Chris Gardner); Jaden Smith (Christopher)

3. Informações			Técnicas
Título	no	Brasil:	O Escafandro e a Borboleta
Título		Original:	Le Scaphandre et le papillon / The Diving Bell and the Butterfly
País	de	Origem:	França / EUA
Site	Oficial:	http://www.lescaphandre-lefilm.com	
Direção:	Julian		Schnabel

Elenco

Mathieu Amalric (Jean- Dominique Bauby); Emmanuelle Seigner (Celine)



4. **Informações** **Técnicas**

Título no Brasil: Ray
Título Original: Ray
País de Origem: EUA
Site Oficial: <http://www.universalstudiosentertainment.com/ray/>
Direção: Taylor Hackford

Elenco

Jamie Foxx (Ray Charles); Kerry Washington (Della Bea Robinson)

5. **Informações** **Técnicas**

Título no Brasil: O Caçador de Pipas
Título Original: The Kite Runner
País de Origem: EUA
Site Oficial: <http://www.kiterunnermovie.com>
Direção: Marc Forster

Elenco

Khalid Abdalla (Amir); Atossa Leoni (Soraya)

6. **Informações técnicas**

Título no Brasil: As aventuras de Pi
Título Original: Life of Pi
País de Origem: EUA
Ano: 2012
Site oficial: <http://www.lifeofpimovie.com/>

Barlach

Direção: Ang Lee

Elenco:

Irrfan Khan, Gérard Depardieu, Suraj Sharma, Adil Hussain, Ayush Tandon

7. Informações técnicas

Título no Brasil: Argo

Título Original: Argo

Diretor: Ben Affleck

País de origem: EUA

Ano: 2012

Site oficial: <http://argothemovie.warnerbros.com/>

Elenco:

Bryan Cranston, Ben Affleck, John Goodman, Taylor Schilling, Kyle Chandler, Alan Arkin, Tate Donovan, Clea DuVall, Adrienne Barbeau, e outros.